

# Brigada Victor Jara assume legado da revolução desde 1975

written by O Cidadão | 12 de Abril, 2024



O grupo, atualmente uma cooperativa cultural com sede em Coimbra, teve a sua génese ligada ao Processo Revolucionário em Curso (PREC), quando estudantes participavam na abertura de uma estrada, no âmbito das campanhas de dinamização cultural e acção cívica do Movimento das Forças Armadas (MFA).

Começou por ser um grupo informal, constituído maioritariamente por jovens ligados à União dos Estudantes Comunistas (UEC).

*“Temos uma posição obviamente política no campo cultural. Não podemos pensar a música desligada daquilo que é o mundo”, afirmou à agência Lusa Manuel Rocha, um dos mais antigos*

membros da Brigada.

Orgulhoso por mergulhar as *“raízes no espírito da liberdade”*, o agrupamento tem os ideais de Abril *“em cada uma das suas palavras”*, enfatizou o violinista, que na década de 1980 estudou música na antiga União Soviética.

**A Brigada Victor Jara** começou a percorrer Portugal, em 1975, levando às pessoas canções revolucionárias em voga, nacionais e de outros países, para depois concentrar o seu trabalho na pesquisa e divulgação da música tradicional portuguesa, a partir da edição do primeiro LP, **“Eito Fora”**, em 1977.

*“Consideramos que vale a pena não entregar todas as armas àquilo que é o ruído anglo-saxónico predominante do nosso tempo”*, justificou.

O músico realçou a importância de manter esse rumo 50 anos depois da Revolução dos Cravos, **“tempo das brigadas de alfabetização e de educação sanitária, em que as brigadas de estudantes da Universidade de Coimbra iam para o campo fazer teatro” e confraternizar com as populações.**

*“A música de raiz popular estava escondida nas recolhas de poucos etnomusicólogos, cuja nossa principal referência foi sempre Michel Giacometti”*, recordou, destacando também o apoio de **Louzã Henriques e do Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra (GEFAC)**, *“quando se abriam estradas reais e metafóricas”*.

Psiquiatra de profissão, etnólogo por devoção, **Manuel Louzã Henriques** *“era um homem muito próximo de todas as coisas que aconteciam na nossa terra”*, sublinhou o professor de música.

*“E até nos mostrou o ‘fado corrido’ que nós gravámos mais tarde [LP “Quem Sai Aos Seus”, 1981], de alguma forma em homenagem a ele e ao seu povo da Serra da Lousã”*, explicou.

Para Manuel Rocha, no essencial, em perto de meio século de

atividade, a Brigada adotou *“um reportório tradicional, a partir do qual construiu um objeto sonoro diferenciado”* que tem *“uma intenção e um compromisso”* com a democracia.

**Catarina Moura** integra o projeto desde 2000. *“Tenho-me aguentado e é bom sinal”*, regozijou-se a única mulher do coletivo, que nasceu em 1975, tal como a Brigada.

*“Tenho um carinho muito grande pelos meus camaradas de estrada”*, referiu a vocalista, que está envolvida localmente noutras iniciativas culturais.

O multi-instrumentista **Ricardo Grácio**, de 38 anos, é o mais jovem membro do grupo. Realizou um sonho ao ingressar na sua *“banda favorita”* de sempre.

*“Faço parte da última ‘brigada revolucionária’ ainda no ativo”*, gracejou, ele que em menino foi aluno de Manuel Rocha no Conservatório de Música de Coimbra.

Já **Arnaldo Carvalho** tem *“uma memória muito comprida deste caminho”*, desde 1978. *“Funcionamos como um verdadeiro coletivo e este é um dos segredos da nossa longevidade”*, assegurou o percussionista.

**Ao longo de 49 anos**, com diferentes formações, a **Brigada Victor Jara** gravou **10** discos: *“Eito Fora”* (1977), *“Tamborileiro”* (1979), *“Quem Sai aos Seus”* (1981), *“Marcha dos Foliões”* (1982), *“Contraluz”* (1984), *“Monte Formoso”* (1979), *“Danças e Folias”* (1995), *“Por Sendas Montes e Vales”* (2000), *“Ceia Louca”* (single, 2003) e *“Ceia Louca”* (CD, 2006), reunidos na coletânea *“Ó Brigada”* (2015).

OC/Lusa